

APRESENTAÇÃO AO DOSSIÊ “EXERCÍCIOS DE MICRO-HISTÓRIA ATLÂNTICA”

Andressa Antunes*

Luiz Fernando Rodrigues Lopes**

Mirar o passado, analisar e produzir conhecimento histórico fazendo uso de um instrumento de observação provido de lentes bifocais: lentes pelas quais ora se observam os fenômenos sociais em suas minúcias, ora em visão expandida, pelo ângulo mais abrangente. Alegoricamente, esta é a proposta central da micro-história, metodologia de pesquisa que, por meio da variação de escalas de análise maior e menor, estabelece a alternância do prisma de observação como comportamento diante do objeto de estudo. Esta intercalação permite ao historiador, em virtude do uso do recorte mais circunscrito, “captar, nos detalhes e fragmentos, um vislumbre da complexidade da realidade humana”, nos dizeres de Carlo Ginzburg (1994, p. 527)¹, mas sem perder de vista o compromisso de explicar o geral.

Desde seu surgimento na década de 1970, a micro-história tem angariado adeptos em diferentes partes do mundo, sendo empreendida por pesquisadores dedicados a estudar os mais variados recortes temporais e espaciais. Historiadores como Giovanni Levi, Carlo Ginzburg, Edoardo Grendi, Natalie Zemon Davis e Jacques Revel, ao publicarem obras seminais com importante impacto internacional, contribuíram, em suas particularidades, para a consolidação da abordagem ao longo dos anos 1980. Seus trabalhos foram profundamente influentes na produção acadêmica mundo afora, inspirando articulações historiográficas variadas e suscitando novas reflexões sobre o passado a partir desta tradição de pesquisa.

Desde os anos 2000, o uso desta metodologia tem sido postulado por pesquisadores preocupados em compreender a circulação global de saberes, culturas e modos de viver, e em identificar como se constituíram redes de articulações em diferentes partes do mundo a partir da atuação individual de sujeitos em espaços intensos de conexão. A publicação de *Africa and Africans in the Making of the Atlantic World*, do historiador estadunidense John K. Thornton, foi um verdadeiro marco que inspiraria uma nova geração de historiadores a superar as tradicionais balizas centradas na lógica do estado/nação e a observar as conexões transnacionais/supranacionais em suas abordagens. Nesse sentido, tem sido possível e cada vez mais bem-quisto pensar em metodologias de pesquisa que tenham por objetivo operar a partir da alternância de escalas, o que fica em evidência já no nome dessas propostas: história micro global ou, no nosso caso, micro-história atlântica.

* Mestra (2022) e doutoranda em História pelo PPGHIS da Universidade Federal de Ouro Preto. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1533-5308>

** Professor Adjunto de História da Educação no Departamento de Teoria e Fundamentos (TEF) da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB). Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP (2018). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4391-9300>.

¹ Tradução livre.

Inspirado nesta tradição historiográfica, o presente dossiê apresenta uma compilação de artigos produzidos por jovens pesquisadores em diferentes estágios de investigação, todos eles tendo como linha condutora o interesse em analisar processos históricos observados pela trajetória de indivíduos e marcados pela circulação de pessoas por diferentes territórios e culturas. É comum aos artigos que compõem esse dossiê a acuidade no tratamento das fontes, quase sempre manuscritas. Os autores e as autoras se valeram da combinação entre diferentes acervos documentais, os quais puderam ser conectados a partir dos interesses pormenorizados que animaram cada uma das pesquisas.

O dossiê se inicia a partir da região Sudeste do Brasil, com enfoque nas relações escravistas que marcaram Minas Gerais entre os séculos XVIII e XIX. No artigo *'Senhora de si e de seus negócios': de Margarida Parda a Margarida Maria da Silva. Análise de uma ação de manutenção de liberdade. Termo de Itabira, 1845-186*, Maura Silveira Gonçalves de Britto nos apresenta a luta da ex-escravizada Margarida por confirmar a sua liberdade, não obstante as tentativas de reescravização perpetradas pela família que a havia mantido na condição do cativo. Para a autora, a “experiência vivida” pelos sujeitos históricos representa, naturalmente, uma operação entre escalas distintas, que se mesclam nas lutas de cada indivíduo.

Igualmente ambientado em Minas Gerais, o artigo *Um “inconfidente” nas matas desertas do Jequitinhonha: a trajetória de José Pereira Freire de Moura, o Doutor de Minas Novas*, de Fabrício Luiz Pereira, aborda a vida de um distinto homem da região Norte de Minas Gerais. A análise tem como fio condutor o nome do sujeito, o que permitiu ao autor alcançar o “universo relacional” do Dr. José Moura. Para Pereira, a combinação de escalas durante a sua investigação tornou possível “retirar de Freire de Moura a áurea de ‘varão benemérito’ da Capitania de Minas Gerais e realocá-lo como um indivíduo inserido dentro de um amplo contexto social, em busca de distinção e ampliação de suas posses”.

Também o artigo *História social, micro-história e as contribuições das variações de escala de análise para o estudo das alforrias em São João del-Rei/MG na primeira metade do século XIX*, de Bruno Martins de Castro, propõe a alternância de escalas, desta vez para os estudos relativos ao escravismo atlântico. Segundo Castro, não se pode negar que as dinâmicas internacionais influam na possibilidade de obtenção das alforrias pelos escravizados; por outro lado, quando são analisadas as minúcias locais de cada processo, vê-se que as “expectativas, estratégias e ações que fizeram parte das relações entre senhores e escravos” atuaram decisivamente “na definição das negociações pela liberdade”.

Ainda sobre Minas Gerais, Leonardo Lopes Villaça Klink, no artigo *Áfricas inscritas: os vestígios gráficos parietais em um porão colonial como vetores de uma proposta micro-analítica, Ouro Preto/MG*, propõe um estudo multidisciplinar, a articular História e Arqueologia, para analisar as inscrições recentemente encontradas em uma parede de um casarão na famosa Rua Direita de Ouro Preto. Klink propõe estudar essas inscrições à luz da historiografia sobre a escravidão africana, determinante das relações sociais e laborais na região. Daí supõe que os autores dessas inscrições “podem ter elaborado criativamente a capacidade de apropriação de um espaço imposto a eles como cativo a partir de produções gráficas” – imprimindo nesse espaço referências saudosistas em relação ao outro lado do Atlântico: o continente africano.

Ao tratar da região Nordeste do Brasil, este dossiê é enriquecido com o artigo *Grupos mercantis nas guerras coloniais: trajetórias de negociantes nas tropas de conquista da Paraíba e Sergipe d’El-Rey (1584 – 1591)*, de Maria Eduarda de Medeiros Brandão. A autora teve por objetivo “compreender a participação dos grupos mercantis nas tropas de conquista da Paraíba (1584) e de Sergipe (1591), por meio das trajetórias de mercadores envolvidos nos confrontos”. Assim, Brandão parte das trajetórias individuais de seis homens, apontados pela autora como “homens coloniais e ultramarinos”, cujas aspirações pessoais acabaram por definir as fronteiras de alguns territórios no Nordeste da América portuguesa. Brandão se vale de uma diversificada documentação manuscrita, centrada especialmente nos arquivos do Santo Ofício, já que boa parte das personagens consideradas no artigo era de cristãos-novos.

O último artigo deste dossiê dá continuidade ao enfoque na região Nordeste do Brasil, a partir do estudo de Janielly Gonçalves Lourenço e Rafael Ricarte Silva, intitulado *O processo de concessão de sesmarias na Capitania do Piauí: um balanço a partir da documentação dos manuscritos do Arquivo Histórico Ultramarino (1722-1807)*. O objetivo do artigo é destacar a participação de diferentes grupos sociais e de indivíduos na territorialização da Capitania. Supõe-se que a articulação entre os interesses pessoais dos colonos e os da Coroa determinou o processo de conquista, segundo mostram os documentos analisados no artigo, provenientes especialmente do Arquivo Histórico Ultramarino. Lourenço e Silva chamam atenção para a proposta de que “a releitura das cartas abre margem para se pensar na importância da participação de sujeitos tidos como subalternos, como as mulheres e os povos indígenas” – operação viabilizada por um estudo que se vale de lentes multifocais.

O dossiê é finalizado com a resenha do livro *Joaquim de Almeida. A história do africano traficando que se tornou traficante de africanos*, do antropólogo Luís Nicolau Parés (PPGH-UFBA), publicado em janeiro de 2024 pela Companhia das Letras (São Paulo). A resenha desse livro foi escolhida para compor este dossiê em função das opções metodológicas que caracterizam a obra, e que levam a efeito os objetivos do seu autor. Com a pretensão de reconstituir os projetos, os laços culturais e comunitários partilhados pelo que chama de "um coletivo de 'ladinos atlânticos'", Parés reconhece que, para isso, "As possibilidades interpretativas são variadas, mas a inter-relação entre a escala macro do Atlântico e a escala micro da trajetória individual, entre a história atlântica e a micro-história, foi um dos desafios mais instigantes deste livro". Razão pela qual a obra se torna componente essencial das estantes daqueles historiadores e daquelas historiadoras que, assim como nós – e como os autores que gentilmente compartilharam suas pesquisas neste dossiê – estão interessados em discutir propostas como a da micro-história atlântica.

Desejamos uma prazerosa e instrutiva leitura!

Os organizadores.

Referências

GINZBURG, Carlo. *Microstoria: due o tre cose che so di le. Quaderni Storici*, v. 86, 1994. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43778719>. Acesso em 01/11/2024.

THORNTON, John K. *Africa and Africans in the Making of the Atlantic World, 1400–1800*. Cambridge University Press, 1998.